

A MENTE DE CRISTO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Venâncio, Norma Braga

A mente de Cristo : conversão e cosmovisão cristã / Norma Braga Venâncio.
São Paulo: Vida Nova, 2012.

ISBN 978-85-275-0495-9

1. Cristianismo – Filosofia 2. Pensamento – Aspectos religiosos –
Cristianismo I. Título.

12-03177

CDD-253.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Formação espiritual : Cristianismo 253.7

**A MENTE
DE CRISTO**
CONVERSÃO
E COSMOVISÃO
CRISTÃ

Copyright © 2012 Edições Vida Nova

1.^a edição: 2012

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0495-9

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Marisa K. A. de Siqueira Lopes

REVISÃO
Mariú Madureira Lopes

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS
Mauro Nogueira

DIAGRAMAÇÃO
Luciana Di Iorio

CAPA
Souto Crescimento de Marca

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21, publicada no Brasil com todos os direitos reservados por Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.

Dedico este livro a meus pais, Léo e Célia, pelo sempre presente incentivo às letras, e a meu marido, André, que ama tudo o que eu amo. Agradeço aos meus editores da Vida Nova, Jonas e Marisa, a confiança e os preciosos insights. E deixo registrado um agradecimento especial aos leitores de meu blog desde 2005, ano em que o abri: amigos pessoais (muitos citados aqui), amigos virtuais e todos os que acharam que valia a pena ler o que escrevo. Seus comentários dariam uma biblioteca inteira, e das mais interessantes.

SUMÁRIO

Apresentação..... 9

Uma palavrinha inicial 13

Parte 1 — Conversão

Um sonho 19

Olhos abertos 19

Felix culpa..... 29

Sincretismos e santidade 30

Conhecer a Deus 32

Pela fé somente..... 34

Humildade deslocada 36

Relativista emocional em
remissão 37

Parte 2 — Crônicas da fragmentação moderna

I A religião secular.....**43**

Politicamente Correto e Sabedoria

 Popular..... 45

Conservadorismo, por que não?..... 47

Não à “cubanização”!..... 50

Cristo com um chicote 53

Os Beatles e a Perestroika 54

Gêmeos heterozigotos..... 56

A ideologia é má leitora 60

Justiça cósmica 65

O pequeno Judas às avessas..... 67

A multidão manda pular 69

Totalitarismo da vítima..... 71

Homofobia? 75

O Brasil não é o Irã 79

Empurrados para o armário 81

Nem kit gay, nem kit crente 83

O caso do *outdoor*..... 86

Aos leitores de Philip Yancey 89

O testemunho do mundo 93

Virilidade 94

Mulheres que não têm tempo 97

Sentidos do casamento 98

Paulo, Calvin e a sexualidade
humana..... 99

Meu machismo residual..... 103

Uma estranha obsessão 110

O caso *Roe vs. Wade*..... 112

A história de Marcela..... 113

“Abortem-se os pobres!” 114

Peter Singer e o infanticídio..... 115

Pedofilia, infanticídio simbólico ... 118

Infanticídio indígena e justificações
antropológicas 121

Uma história de racismo.....	123	Ortodoxia e o <i>Distinctio</i>	145
<i>Fifty-fifty</i>	123	As divisões do gnosticismo	149
A estudante de psicologia	125	Um evangelho gnóstico	152
A fé faz bem à saúde	127	Os pequeninos de Jesus	154
Transcendência desviada.....	128	A lógica e a fé	156
O discurso acadêmico <i>mis à nu</i>	129	Sou pastor, mas... ..	158
Pequeníssima história da arte moderna.....	133	Aconselhamento para morte	159
A arte como antitranscendência....	134	Camuflagens linguísticas	162
II O secularismo religioso.....	137	O Pastor e o Filósofo	156
A verdade não existe	139	Outro deus.....	167
Show de horrores.....	141	Outra espiritualidade.....	173
		Transferência de poder.....	178

Parte 3 — Antídoto

Os dois infinitos.....	185	<i>Persona</i>	195
Estar no mundo sem ser do mundo	185	Eu, agente semisecreta da fé	196
<i>My Way</i> e <i>Comme d'habitude</i>	186	Inconsciência e um novo discurso	197
Garfos a postos.....	187	<i>Sola Scriptura</i>	200
Epitáfio	189	Meios de graça.....	204
Kaspar Hauser.....	190	O reino da interioridade.....	206
Julgar e discernir.....	191	Maternidade.....	212
Você tem que entrar para sair	191	Dezenove semanas de amor	215
Perfeita liberdade.....	193	O novo mandamento	221
Reflexão óbvia sobre os palavrões	194	<i>Epilogo: A mente de Cristo</i>	223

APRESENTAÇÃO

A importância deste livro está na combinação inédita de vários fatores que o compõem. *A mente de Cristo* é uma coletânea organizada e sistematizada daquilo que Norma Braga considera os artigos mais relevantes que ela já escreveu em seu blog (normabraga.blogspot.com) sobre dois temas gerais: a religião deste mundo secularizado e o secularismo da religião deste mundo. Abrem o livro uma introdução contendo uma palavra pessoal da Norma e a narrativa de sua conversão ao cristianismo; para finalizar, a receita do antídoto para esta combinação fatal de secularismo e religião.

O que impressiona, já de saída, é a amplitude dos temas tratados em cada capítulo. Mas, não é para menos. Estudiosa, culta e preparada — doutora em literatura francesa —, Norma conhece o objeto de seus temas por leituras que abrangem desde Karl Marx, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Edmund Burke, Russell Kirk, Alain Besançon, T.S. Eliot, Hannah Arendt, Paul Johnson, René Girard, Philip Yancey, Eugene Peterson até João Calvino, Abraham Kuyper, Gordon Clark e John Piper, para mencionar alguns. A autora submete temas como politicamente correto, “cubanização”, “totalitarismo da vítima”, homofobia, sexualidade, casamento, justiça social, infanticídio, ateísmo, racismo, pedofilia e arte moderna a uma crítica rigorosa a partir do referencial dos valores cristãos e do bom senso. Ao analisar as mais estranhas ideias defendidas por líderes evangélicos em tempos recentes, Norma trata com imparcialidade conceitos similares e atuantes dentro do arraial evangélico.

Para os evangélicos esquerdistas que acham que a crítica contra aborto, feminismo, lobby gay, socialismo, marxismo e outros itens caros à agenda da esquerda é coisa de pastores e teólogos machistas, este livro vai cair como uma bomba no quintal deles. Norma se define como uma conservadora, tendo despertado, especialmente por meio das leituras para seu curso de doutorado em Letras, para a hostilidade inerente à academia secularizada contra o cristianismo. Em suas próprias palavras,

[...] detectei nas áreas de humanas em geral um interesse ativo na destruição dos valores judaico-cristãos através de ataques à razão — um processo que se inicia com a demonização da filosofia clássica e opõe ao racionalismo de Descartes um subjetivismo não menos esquizofrênico, que a longo prazo torna seus partidários alheios à realidade e ao conhecimento do mundo.

Norma não é teóloga, não é pastora e muito menos machista. Essas características servem para quebrar barreiras e qualificar seu livro como uma obra que merece ser

lida por aqueles que, de cara, costumam virar o rosto para obras de teólogos conservadores sobre esses assuntos.

Eu espero sinceramente que este livro da Norma tenha tanto sucesso quanto seu blog, um dos melhores disponíveis para quem busca na blogosfera uma opinião segura e firme sobre assuntos sobre os quais poucos desejam — e têm competência — para se pronunciar. Tem muita gente publicando muita coisa sobre muitos assuntos. Encontrar um bom livro que valha a pena ser lido, em meio à enorme diversidade e à crescente superficialidade do mercado evangélico de literatura, é uma cortesia do Todo-Poderoso. Sem medo de errar, posso garantir que você, querido leitor, foi favorecido com este livro que agora tem em mãos.

São Paulo, abril de 2012.

Rev. Dr. Augustus Nicodemus Lopes
Chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Esqueçam a formação, a boa escrita, a qualidade das reflexões e associações. Quero escrever o que Deus fez em mim.

UMA PALAVRINHA INICIAL

Quando eu era novinha, cursando a formação de professores da Aliança Francesa, uma das professoras de literatura abordou e distribuiu em sala alguns poemas de Baudelaire (de *As flores do mal*) para que preparássemos apresentações individuais. A mim coube *La chevelure* (“A cabeleira”), um poema bastante longo e que, na época, julguei um tanto cansativo e despropositado. Na tradução de Guilherme de Almeida, começa assim:

Ó tosão que até a nuca encrespa-se em cachoeira!
Ó cachos! Ó perfume que o ócio faz intenso!
Êxtase! Para encher à noite a alcova inteira
Das lembranças que dormem nessa cabeleira,
Quero agitá-la no ar como se agita um lenço!

Em seguida, o poeta descreve todas as sensações e associações que a cabeleira lhe desperta. Na cabeleira vivem “uma Ásia voluptuosa e uma África escaldante”, acham-se os cheiros de “óleo de coco, almíscar e alcatrão”, podem-se cultivar “a pérola, a safira e o jade”. Um mundo de exotismo e sensualidade é despertado pelos cabelos da amada. Porém, achando que isso era pouco, e cega para o resto, quis ver mais no poema. E vi: falei em sala, para minha vergonha, da relação entre impérios e colônias, dominador europeu e dominado africano ou asiático, opressor e oprimido. Transformei a paixão do poeta pela dona da cabeleira em uma luta de poder que absolutamente não constava do texto.

A professora, de queixo caído, apenas sussurrou um talvez involuntário “Quelle horreur!”, enquanto eu e uma amiga entusiasmada enxergávamos fantasmas progressistas desfilando sem parar pela exaltação baudelairiana da cabeleira. Que horror, de fato!

Mais tarde, eu me “redimi”, apresentando o mesmo poema a um examinador da formação de professores (diploma de Nancy) e, anos depois, a alunos. No entanto, até hoje o episódio me parece emblemático do quanto minha inconfessada cosmovisão, ao ponto da quase completa inconsciência, solapou os sentidos diante de mim, gerando uma leitura espúria e uma total alienação do texto. A conclusão, anos depois, foi inevitável: eu era esquerdista e não sabia! Nunca sustentei o sistema socialista, e até zombava do radicalismo militante, mas um marxismo abstrato, diluído, empapava meus miolos sem meu consentimento ativo. Somente quando me converti é que isso se tornou claro para mim: nós nos apropriamos de dados da cultura, quer queiramos,

quer não. Somos esponjas de nosso tempo — muito mais do que nossa consciência romântica (supostamente “autônoma”) nos faz crer. No meu caso, somente a conversão ao cristianismo me proporcionou o distanciamento necessário para a triagem do que devo ou não endossar.

Na caixa de comentários do blog de Philip Johnson, *Pyromaniacs*,¹ encontrei a confissão de um processo semelhante:

Eu estava saturado de noções iluministas sobre o livre-arbítrio e o potencial humano. Mesmo depois de ter vindo para Cristo como meu salvador, ainda estava apegado a uma predileção mundana pela autonomia e pela independência. Com meus lábios confessava Cristo como meu Senhor, mas de fato ainda não tinha me *submetido* a ele como meu Senhor. Felizmente, por sua graça, ele acabou me trazendo para essa submissão.

Esse leitor estava “saturado de noções iluministas”: a apropriação de dados da cultura, muitas vezes involuntária, fornece a base para a elaboração das respostas que damos às questões mais cruciais que envolvem nossa humanidade: a origem do mundo, o sentido da vida, a existência de Deus, a origem do mal, o pós-morte. E essas respostas, não raro mudas, moldam e até determinam nossa cosmovisão, ou seja, a forma com que “vemos o mundo”. Como afirmou o teólogo Franklin Ferreira,

chegamos aos textos que lemos e aos fatos ao nosso redor com uma série de pré-compreensões ou hipóteses — verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou falsas, conscientes ou inconscientes, coerentes ou incoerentes — que são comumente chamadas de pressupostos. [...] São nossos pressupostos que nos guiarão não apenas na interpretação de tudo o que está diante de nós, mas também na forma como interpretamos esses fatos.²

Embora eu aplicasse o tempo todo, a torto e a direito, os pressupostos que eram os meus, de forma geral eu estava ignorante quanto à moldura com que via o mundo. Quando me foi apresentado o Evangelho de Cristo, iniciou-se o processo espiritual que Jesus descreve como “nascer de novo” (Jo 3.3s.): apesar de meus 24 anos, senti-me uma criança que explora a realidade com olhos novos, a *caçula* do grupo de amigos da igreja, aquela que não sabia nada e que não tinha nada a ensinar, mas devia ser levada pela mão para conhecer a verdade sobre Deus, o homem, o mundo. Que sensação maravilhosa, começar tudo do zero com Cristo! Imagino que o apóstolo Paulo deva ter

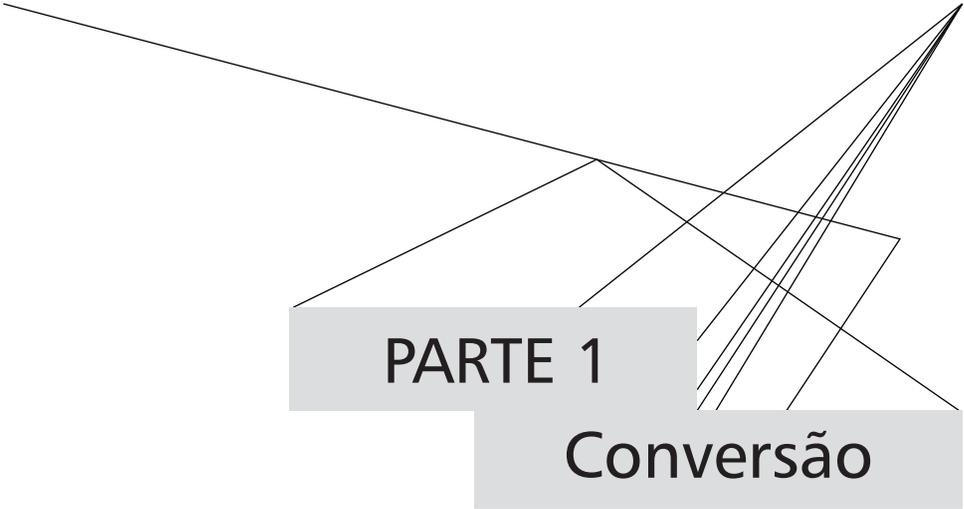
¹ Disponível em teampyro.blogspot.com

² Franklin FERREIRA, *Teologia cristã: uma introdução à sistematização das doutrinas*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 14,15.

se sentido assim quando exclamou em uma de suas cartas: “Mas o que para mim era lucro, passei a considerar perda, por amor de Cristo. Sim, de fato também considero todas as coisas como perda, comparadas com a superioridade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” (Fp 3.7,8). Desde então, busco *escrever o que Deus fez em mim*, como digo na página inicial deste livro.

A mente de Cristo: conversão e cosmovisão cristã pode ser melhor descrito, talvez, como a exposição (às vezes mais teórica, às vezes pessoal, muitas vezes literária) do confronto entre as ênfases da cultura e a formação da mente cristã — esse duro processo que tem sido o meu e que todos os convertidos necessariamente atravessam, descrito no belíssimo versículo do apóstolo Paulo em Romanos 12.2, não por acaso um de meus preferidos. Depois da conversão — quando desistimos de qualquer pretensão de progresso espiritual por nossas próprias pernas e nos confiamos inteiramente a Deus —, essa transformação se dá pelo contato com a Palavra, que confronta pecados pontuais. Nesse sentido, a descrição dos pecados preferidos de determinada época é de inestimável ajuda, pois, se não fizer uma crítica das mentalidades, como o cristão evitará cair nos mesmos erros de seus contemporâneos, rejeitando alianças espúrias e deixando de amoldar-se ao tempo presente? Reconhecemos nossos pecados quando compreendemos o quanto ainda nos *conformamos* (ou seja, tomamos a forma) com *este século* (com as ênfases do mundo sem Cristo) e nos oferecemos todos os dias a Deus para sermos transformados, como diz o mesmo apóstolo Paulo: “Mas todos nós, com o rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, que vem do Espírito do Senhor” (2Co 3.18).

Escrevo, portanto, na certeza de que a graça que me salvou através do sacrifício de Jesus Cristo é a mesma que opera para a santificação, e que a santificação não é possível sem a limpeza das lentes com que enxergamos a Deus, a nós mesmos e o mundo. Que a descrição do que vivi e aprendi possa fazer diferença na sua vida — é minha oração.



PARTE 1

Conversão

Não quero apagar da memória o lugar de onde eu vim. Apesar de saber que Deus já se esqueceu de todos os meus pecados antigos e recentes, quero de vez em quando recordar aquela outra criatura, que não sou mais, apenas para afirmar ainda uma vez que meu novo eu não foi uma escalada, um construto, um desprendimento, um aprendizado, uma sensatez súbita e definitiva — mas sim o débil objeto da misericórdia do Senhor.

Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação; as coisas velhas já passaram, e surgiram coisas novas.

UM SONHO

Sonhei uma vez, há pouco mais de quinze anos, que estava com minha família em uma autêntica “farofa” na praia, ou seja, um almoço em frente ao que me pareceu o mar plácido e convidativo de Araruama. Mesas postas, comida pronta, o único elemento destoante sob o sol era uma assustadora carcaça de ônibus levada de lá para cá pelas ondas, ameaçando invadir o local onde estávamos. O que de fato acabou acontecendo: tomado por uma onda mais forte, o ônibus ganhou impulso e esmagou um homem, que corremos para resgatar e levar ao hospital. Lembro-me de ter sido poupada por um triz do esmagamento, porque corri em direção a meu pai que estava em um lugar mais alto na areia. A cena seguinte e última do sonho era a do hospital, onde o homem era internado e nós íamos para casa.

Quando me converti, alguns meses depois desse sonho, impressionei-me muito com o significado cristalino dos elementos presentes ali: a carcaça de ônibus simbolizava os caminhos humanos errantes, que terminavam por nos esmagar, dos quais eu só havia escapado por ter corrido para Deus — “meu pai em um lugar mais alto”.

Impressionou-me mais ainda, porém, descobrir justamente na igreja em que me batizei um canto com semelhanças muito evidentes com o que, no meu sonho, havia sido o hospital. O conjunto não poderia ser mais autoexplicativo. Assim, embora não dê importância demais à grande maioria de meus sonhos, recebi esse em particular como um presente de Deus.

OLHOS ABERTOS

Em 1995, ano em que me perguntava se, afinal, a vida era aquilo mesmo que eu estava vivendo — morando com meus pais, cursando Letras, trabalhando como revisora e ganhando meu dinheirinho —, algumas intuições importantes começaram a chegar até mim.

Não que eu estivesse alheia à questão transcendente. Longe disso. Espírita desde pequena, esotérica a partir da adolescência tardia, eu ainda buscava um sentido que me ultrapassasse, um “amor maior que eu”, como diz a canção. Foi nessa época que um cansaço profundo do cotidiano sinalizou que, embora tudo estivesse dando certo, eu sentia uma incompletude indizível que me prostrava e me impedia de exercer o que eu mais amava: escrever. Tudo o que ensaiava no papel era autorreferente como a literatura que eu consumia na época. Escrever para registrar que o ato de escrever é

sempre insuficiente para a alma humana — qual a graça nisso? Eu queria *dizer* coisas importantes, ou a Coisa Mais Importante, mas estava vazia. Um escrúpulo maior que meus próprios prazeres se revelava nesta certeza: jamais me proporia a ser escritora apenas para me divertir, mas sim para perseguir e entregar aos leitores aquilo que considerasse o Supremo Bem — algo que me faltava naquele momento, como era forçada a reconhecer.

Eu pensava possuir conteúdos importantes, acreditava ser sábia e sincera, mas minhas convicções sobre a veracidade das doutrinas espíritas não me motivavam a escrever, embora fossem antigas e muito firmes. Além da ascendência da família, que me proporcionara várias experiências espantosas com “médiums” até mesmo dentro de casa, um raciocínio precoce — aos sete anos — as confirmara: eu partia de uma premissa inquestionável, “Deus é justo”, para concluir que apenas a reencarnação poderia satisfazer essa justiça, proporcionando novas oportunidades às almas em erro. Nunca havia surgido ocasião para questionar seriamente essa argumentação infantil, até que a precariedade de tudo o que me acompanhara até ali de súbito me pareceu evidente demais para ser ignorada.

Ainda era fácil, porém, mergulhar em inconsciência, e eu me adaptava ao incômodo assim como a gente se acostuma com uma dorzinha nas costas. Mas a última palavra é sempre do Senhor. E, embora eu ainda não o conhecesse, o Senhor me mandou alguns recados amáveis sob várias formas, antes de se apresentar em Pessoa.

O primeiro e mais decisivo foi “Não acredite em si mesma”, refrão de uma música belíssima (e um tanto depressiva) de David Bowie, *Quicksand*. Essa frase tão simples, anunciada pelo desalento da confissão “Eu não tenho mais o poder”, começou a ser trabalhada lentamente em meu espírito a cada audição. Um humanismo disfarçado de transcendência havia sido até então a tônica de tudo em que eu acreditava. As religiões humanistas têm isso em comum: Deus, nelas, é limitado ou tem sua atuação limitada. O bem e a justiça, em última instância, são produtos do próprio homem. Dependendo da ênfase cultural adotada por cada forma de fé humanista,¹ o processo inverso ao recomendado nas Escrituras — “É necessário que ele cresça e eu diminua” (como exclamou o profeta João Batista em João 3.30, referindo-se a Cristo) — assume diversos aspectos: para que o homem cresça, Deus é apresentado como criador mas não como sustentador de sua criação, bondoso mas não perfeito, em alguma relação com o homem mas jamais de modo pessoal. Os deístas no século XVIII, tal como Voltaire antes de finalmente render-se ao agnosticismo, acreditavam que Deus havia criado o mundo e depois se retirara dele, deixando-o aos cuidados do homem. Da mesma forma, no esoterismo, conforme eu havia aprendido de um amigo muito

¹ Ver “A fé dos humanistas”, Francis SCHAEFFER, texto publicado na internet (site www.teleios.com.br).

lido, Deus havia criado o homem porque “se sentia sozinho”. Dois modos de diminuição de Deus. E é para o interior desse oco deixado pela crença na insuficiência divina, como um parasita na árvore, que o homem encontra espaço para se expandir, até ser alçado a dono de seu próprio destino. Essa falência de Deus serve a um discurso que não só confirma o homem no centro de sua existência, mas o estimula o tempo todo a tirar forças de seu interior. “Acredite em si mesmo” é o mantra mais repetido da Nova Era, e foi por esse mantra que Deus começou a mexer comigo.

Lembro-me de uma vez em que estava em casa, prestando uma atenção quieta e dolorida em outra música de Bowie, *Space Oddity*. É a história de Major Tom, um astronauta que parte em missão intergaláctica e perde contato com a torre de controle. Só um fã de Bowie muito distraído deixaria de perceber o sentido existencial contido nas frases do personagem. “Acho que minha espaçonave sabe para onde está indo”, enuncia ele sua impotência. Não há nada a fazer, a não ser descrever o que está diante de seus olhos, a cor do planeta e a trajetória das estrelas, ao mesmo tempo que se reconhece pequeno e frágil diante do mundo desconhecido para o qual se aventura. O corte na comunicação entre a nave e a torre parece fatal, mas ele está lá, embora perdido, confiando em que a aparelhagem que o carrega para longe saberá guiá-lo a um lugar seguro.

Como Major Tom, sozinho e fechado em sua nave, o ser humano passa pela vida inserido em uma realidade que não consegue controlar nem compreender. É engolido pelo espaço infinito à sua volta e, diante disso tudo, vê-se instado a depositar sua confiança em algo ou alguém que lhe garanta a existência de um fio que una o início, o meio e o fim dessa viagem. Sabe que não é de si mesmo que virá o sentido da história, mas de algo fora dele, e muito maior que ele. Se não soubesse, por que precisaria se esforçar para mascarar essa impressão, lendo tantos livros de autoajuda e repetindo tanto para si mesmo, como uma amiga na época fazia em frente ao espelho, “Eu acredito em mim”, “Eu posso”, “Eu sou forte”? Todas essas estratégias de autoconfiança não existiriam se a força humana fosse um dado concreto e suficiente. Foi o que revelei a essa amiga quando lhe mostrei as duas músicas de Bowie: no fundo, essa balela de “acredite em si mesmo” é puro orgulho.

Minha conversão se deu poucos meses após essas experiências. Eu não sabia, mas há tempos havia alguém orando por mim, um mero conhecido, a quem Deus havia comunicado uma urgência de morte por minha alma. Em 1992, encontrei-o no estacionamento da faculdade, onde, junto com outros alunos, eu costumava pegar carona para casa. Era a época em que o transporte público ali era escasso e lotado. Entre um carro e outro, foi-me apresentado A. R., um colega que estudava russo, a quem eu, astróloga até a raiz dos cabelos, logo enderecei a pergunta de costume:

— Qual o seu signo?

Ele me olhou um tanto espantado e, para minha surpresa, respondeu:

— Eu não tenho signo.

Fiquei furiosa. Naqueles tempos dogmáticos, quem não partilhava de minhas convicções — reencarnação, astrologia, sortes — era irremediavelmente burro ou tapado. “Como, não tinha signo? Todo mundo tem signo!”, pensei.

— Eu não tenho — insistiu ele, e aquilo anuviou definitivamente o primeiro contato. Mais tarde, vim a saber que ele era “crente”, e a antipatia se cristalizou mais ainda.

Durante meses, eu até o cumprimentava pelos corredores da faculdade de Letras, mas com muita má-vontade, diga-se. Ele sempre acenava para mim, polido.

Três anos se passaram. Um amigo me evangelizou e recebi a Palavra com alegria. No mesmo estacionamento, voltei a encontrar A. R. e fui direto ter com ele.

— Você pode me ajudar? Eu comecei a ir à igreja e estou com algumas dúvidas em relação à Bíblia.

Ele abriu um sorriso imenso. Depois, contaria que andara orando por minha conversão desde nosso primeiro (e inamistoso) contato, *todos* os dias. Lembrando-me hoje de sua lealdade, penso que naquele momento seu coração deve ter ido até o céu, fazer festa com os anjos.

Naqueles dias extasiados de nova convertida, na companhia de outro amigo também crente, achei na bagunça do armário um texto que havia escrito no mesmo ano em que começaram as orações por mim, 1992, quando um rapaz no ônibus (outro, ainda: Deus estava no meu encaço!) me abordou a caminho da faculdade para falar de religião, provocando-me a uma ira intensa. (Posso compreender hoje a ira que algumas pessoas sentem quando prego para elas.) O texto é revelador de como eu era, de como eu estava: sufocando uma sempre presente ânsia por Deus debaixo de uma penca de conteúdos espíritas e esotéricos, todos destinados a camuflar com um mal-disfarçado humanismo uma insegurança infinita.

Na época, dei à crônica o título “Religião, eu não”:

Há muito tempo eu já havia deixado para trás essa história da existência de Deus — se ele existe, ótimo, mas isso não muda em nada a minha vida. Pois eu estava desenvolvendo uma crença forte em mim, em meu deus interno, cansada de querer acreditar em algo ou alguém mais poderoso que eu capaz de me salvar e de fazer tudo por mim — para isso, bastando apenas algumas palavras murmuradas em fervor.

Assim, “Deus” passou a ser para mim uma concepção muito humanizada dessa força maior, a energia inerente à vida de todos os seres, que nutre e sustenta o universo. E aquela história de um velhinho sentado numa nuvem de camisolão e barbas brancas, com um monte de anjinhos em volta... Pois é, abominei a palavra “Deus” junto com essa imagem paternal e falsa (e em minha indignação também me perguntava: “Por que um HOMEM?” Essa sociedade machista!...).

Bom, toda essa introdução serve apenas para explicar a minha “vã filosofia” (eu, ignorância assumida frente ao infinito, nada sei e só sei que nada sei — o que já é uma certeza). E para contar o seguinte:

Estava indo para a faculdade, de ônibus, feliz da vida, quando me aconteceu de sentar ao lado de um petit homme — como direi: “rapaz”? “garoto”? Para mim, não passava de um menino, embora tivesse a mesma idade que eu e usasse óculos — , que conversava com a cobradora. Ocasionalmente prestando atenção, concluí que falavam com muita ênfase em Deus, o quanto ele era bom, e ele mudou minha vida, etc. Meus pensamentos corriam a jato por uma estrada completamente outra quando alguém me freou: era ele. “Se quiser, pode participar da conversa, viu?”

“E quem disse que eu quero?”, tive vontade de responder, meio ofendida na sensibilidade, como se ele tivesse heroicamente correspondido aos meus anseios de conversar com eles! Mas, como a gente quase nunca revela esses pensamentos raivosos, dei um sorriso amarelo dúbio — que ele provavelmente interpretou a seu favor.

Eles prosseguiram na palestra animada, e, quando esta começou a esfriar, o “menino” voltou-se para mim — não ouvindo o “ai, ai” pensado bem alto, que traduzia a minha indisposição para argumentos abstratos: razão x fé religiosa, quem vence? A minha razão consistia em simplesmente acreditar que não se pode acreditar em nada, por não se poder provar conceitos desse tipo. E a fé dele — ah, quem sabe de onde vem! Exasperava-me a certeza dele: “Deus fez com que eu...”, “Porque Deus é bom e ele...”, “Sei porque falo com Deus...” (essa última julguei um terrível disparate: “Como você sabe que é Deus?”, indaguei, perplexa, e ele, inflexível: “Eu sinto”).

Pois é, ele ouvia a voz de Deus e eu ouvia o que ele dizia e começava, malgrado meu, a ficar perturbada pela segurança e felicidade dele: a cara reluzente, só faltava dizer que era escolhido por Deus. E eu já nem tinha mais argumentos. Expus a ele tudo o que pensava, mas ele contra-atacava com armas poderosas: passagens da Bíblia! Ah, as mil passagens da Bíblia que ele recitava toda hora, mal me dando tempo para respirar! “Deus não pode ser uma força, uma energia, porque ele fez o homem à sua imagem e semelhança”, Jesus disse: ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida’, então etc., etc. e etc.” E eu tonta. E eu mais tonta ainda com os milhões de números: capítulo tal, versículo tal e tal. E minha Igreja pra lá, minha Igreja pra cá, ANTES e DEPOIS de Deus entrar em minha vida... Eu já estava praticamente entregue à inércia, deixando-o falar livremente (a Bíblia é um aliado poderoso, e fazer o quê diante de um “eu sinto?”). De forma que tomei um susto quando, finalmente, ele deu a última cartada:

— Por que você não vai em uma de nossas reuniões?

Eu já tinha visto os cartazes da tal Igreja espalhados pela faculdade, e sempre zombava do que diziam: “Encontros com Cristo: seu verdadeiro amigo”, “Nele você pode confiar”,

como se Jesus estivesse ainda vivo e — presunção suprema! — só circulasse entre eles. Eu imaginava situações engraçadas com as imagens que me vinham à cabeça, alguém contando:

— Hoje eu fui ao encontro com Cristo, mas não pude falar muito com ele, ele estava morrendo de pressa.

— Hoje vi o Cristo por aí, convidei ele para tomar um café, ele aceitou. É um cara super legal!

E, dentro da brincadeira, as minhas opiniões sobre esse tipo de orgulho “Nós-temos-a-salvação” se faziam mais fortalecidas.

Mas não com esse menino de óculos, olhando-me tortamente de dentro de suas nuvens celestiais:

— Vai ao nosso encontro, vai ter música, bossa nova.

A modernização da Igreja, música & religião, Jesus Cristo é o maior barato... eu pensava maldosamente, escondendo o ódio por aquela felicidade em forma de gente que dizia ter encontrado Deus:

— Você vai ver, quando você encontrá-lo como eu encontrei, o quanto sua vida vai mudar para melhor!

Foram suas últimas palavras, não porque eu o tenha matado, não chego a tanto; mas já havíamos parado em nosso destino (in)comum.

Mais tarde, com a confusão e a raiva já aplacadas, concluí que a ilusão de alguém superior — um “paizão com superpoderes” — é extremamente cômoda, e um lugar-comum onde há o reforço permanente dessas crenças é o que a religião proporciona: agrupando as ovelhas, o pastor garante seu rebanho.

Rebanho do qual me evadi, feliz ovelha negra, sentindo crescer em mim dois chifrinhos e um rabo pontudo ao amaldiçoar o santinho do ônibus: “O primeiro tombo que ele levar, vai achar que ‘Deus o abandonou’”. Mas não era por maldade, não: é que, mais forte que nunca, senti que vale a pena viver cheia de dúvidas e medos, taquicardias constantes, louca inconstância de sentimentos contraditórios — eu, num mar nada calmo de incertezas, senti que ESTOU VIVA, e que preciso confiar nas coisas que faço por essa vida e em suas consequências, para não culpar o nada quando o único responsável está sempre comigo, meu único companheiro: eu. Se eu precisar de outro, um inventado, é porque estou fraca demais para estar sozinha.

E depois, não me abandonarei nunca, e se duvidar da minha existência é só me olhar no espelho ou lembrar da famosa “Penso, logo existo” — o que já é uma grande vantagem!

Quando eu e meu amigo terminamos de ler, gargalhadas foram inevitáveis. Todo o momento foi terapêutico: pude atestar com mais propriedade o quanto o ídolo que eu adorava, o tal “deus força impessoal” ou “deus interno” (sim, ambos são o mesmo deus),

era nada menos que uma inchada autolouvação, calcada em uma estrutura humanista-atéista que era apenas travestida de religiosidade, mistificação que estava presente em tudo o que eu lia. Ao mesmo tempo que tentavam solapar o desejo pelo transcendente ao persuadir o leitor de que o homem é sua própria divindade e deveria se satisfazer com isso, as construções textuais que formatavam minha mente (dentre elas, livros de discípulos da famigerada Helena Blavatsky, além do Paulo Coelho mais rasteiro), muitas estranhas e até ilógicas, eram imbuídas de conteúdos que atribuíam a tudo no mundo uma personalidade roubada do ser de Deus: enquanto o mundo se afigurava mais que humano, infinito e doador de múltiplos sentidos,² Deus não passava de uma força perfeitamente moldável pelo homem. Assim, uma árvore era mais pessoal que Deus e podia ser fonte de vida e transformação, como qualquer outro ser. O mundo esotérico (que na verdade não passa do velho paganismo panteísta) é cheio de uma adoração difusa a todo e qualquer objeto, concomitante à negação da personalidade e do poder de Deus. Poderoso fator de inversão, o esoterismo faz transbordar nossa subjetividade, sobrepondo-a ao real, que é transformado aleatoriamente em símbolo. Ansiosa por segurança em um mundo que sabia não poder controlar, eu não só era obcecada por mapa astral, Tarô, I Ching, rituais, mas podia enxergar em qualquer coisa um oráculo — o que me tornava um feixe de nervos prontos a vibrar dolorosamente com banalidades.

Hoje posso dizer que jamais teria chegado a essa conclusão sem a ação de Deus, que preparava o terreno para apresentar-se como um Pai pessoal, transcendente (portanto externo), autônomo e todo-poderoso, alfa e ômega de todo o universo — esse mesmo universo que, escuro e ambíguo para o humanista, passava a ser, para mim, a expressão de seu imenso amor através de Jesus Cristo. A realidade em que eu me encontrava não era uma invenção humana cega para seu próprio destino, tal como a nave do Major Tom, mas sim a criação divina, e meu lugar estava garantido no coração do Criador.

Conto como foi essa apresentação. Ainda sem ter ouvido a Palavra, deliciava-me com uma coletânea de Dave Brubeck quando me peguei dirigindo a Deus um pedido singelo: assistir ao vivo uma banda de jazz. Foi um ato impensado, inusitado até para mim, que, embora orasse (em oposição direta à crença de que Deus era uma “força impessoal” — muitos espíritas e esotéricos se nutrem do mesmo paradoxo, provavelmente por influência direta do substrato cristão na cultura), não costumava proferir orações tão espontâneas. Com 24 anos, eu já trabalhava, mas não tinha dinheiro para frequentar os caríssimos *Mistura Fina* da época. Amava jazz e queria muito ir a um show. Deus me atendeu de um modo muito especial: depois do expediente na editora, andando sem objetivo fixo pela principal avenida de Copacabana, fui “fisgada” por

²Essa passagem do reconhecimento da infinitude de Deus para o reconhecimento da infinitude do mundo é explicada com muitos exemplos tirados da história da ciência, de modo brilhante, por Alexandre Koyré em: *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

ele com o som inequívoco de jazz tradicional — a formação de que eu mais gostava: bateria, teclado e baixo — para dentro de um... supermercado. Pasmem: havia uma banda tocando jazz ao vivo dentro de um supermercado!

Quando entrei no local e confirmei que de fato as músicas vinham de uma *jazz band*, não de um CD, e que eu podia ficar ali em pé à vontade, ouvindo, e ainda de graça, exultei. Porém, havia alguma coisa ainda mais especial acontecendo ali. De alguma forma, o ar estava diferente, como se anjos me circundassem. Eu não sabia explicar, mas senti a urgência de abordar as pessoas que prestavam atenção à música em torno do palco improvisado. Entabulei uma conversa muito tímida com uma menina um pouco mais nova que eu. Dali a pouco, chega um rapaz, amigo dela, apaixonado por jazz também, e sou apresentada a ele. Começamos a conversar e eu fiquei empolgada quando soube que ele era cristão. “Estou frequentando um grupo de estudos de Jung e ele valoriza muito os religiosos”, expliquei.

Era a pessoa que me evangelizaria. Eis como Deus me “pescou”: com jazz!

Esse amigo logo marcou um encontro comigo. Confesso que, no início, eu nutri expectativas amorosas em relação a esse momento, mas ele sabiamente manteve uma distância amigável em relação a sua discipulanda. Como eu havia dito que era astróloga, ele me pediu um mapa astral — estratégia que funcionou muito bem. Enquanto eu “lia” o mapa para ele, em um restaurante, percebi que sua atenção divagava um pouco. Então, ele resolveu fazer algumas perguntas sobre mim (já que eu estava falando tanto sobre ele, tendo o mapa como pretexto), e logo desabafei sobre questões espirituais. Foi a deixa: ele se ofereceu para orar por mim e eu aquiesci, no calçadão de Copacabana, longe da vista dos passantes.

Quando a (longa) oração terminou, ele olhou para mim e me perguntou se eu estava sentindo algo diferente. “Não”, respondi. Porém, na verdade eu estava, mas não saberia como descrevê-lo; achei mais fácil deixar para falar depois. O que eu estava sentindo era algo inédito: olhei para aquele céu estrelado, acima do mar, e a paisagem me pareceu mais nítida, mais real. Tudo me pareceu mais real, como se eu estivesse contemplando o mundo direito pela primeira vez; como se até então fosse míope, mas agora enxergasse bem. Hoje entendo que aquela adoração difusa do mundo, a que eu estava entregue por causa do esoterismo, teve fim ali: em meu panorama mental, o mundo havia voltado a sua posição verdadeira, como criação divina. Posteriormente, essa convicção passou a integrar minha consciência, mas aquele foi o momento em que Deus agiu *apesar* de mim, quando me confiei a ele através de um de seus filhos. Ao se tornar mais próximo, meu amigo não só orou por mim, mas também pregou e explicou a Bíblia por meses a fio.

Não demorou muito até que eu compreendesse o principal. E a recepção da *boanova* (significado etimológico para “Evangelho”) foi amplificada através um dado importante, muito antigo e de grande valia nas mãos de Deus naquele momento.

Desde bem pequena, aos sete anos, época em que eu começava a esboçar minha teologia pessoal, eu jamais havia me considerado uma pessoa boa. Não que fosse dada a maldades indizíveis e evidentes demais para serem ignoradas. Aos olhos gerais, seria vista como “tão boa quanto” qualquer criança com um mínimo de amabilidade e educação, ou até mais, pois eu era afável, falante e gostava de agradar as pessoas. Porém, algo me dizia que a bondade teria de ser algo tão fulminantemente definitivo que a “pessoa boa” jamais teria pensamentos, sentimentos e impulsos como os que eu tinha, ainda que não os manifestasse nem deixasse que atingissem alguém. Eu me envergonhava profundamente das sujeiras de meu mundo interior e não era de modo algum adepta do tão difundido “não mato, não roubo, logo...”. Além disso, sabia que “não roubar” ou “não matar” eram em grande medida circunstanciais: qualquer um, acuado pelos acontecimentos, poderia chegar a roubar ou matar. De onde eu tirava essas certezas, com tão pouca experiência de vida? Só Deus sabe.

Mesmo assim, por falta de assentimentos exteriores (não havia com quem falar dessas coisas), a convicção de minha maldade vinha acompanhada de um senso de inadequação muito grande: se eu vivia dessa forma em um mundo de convictas “pessoas boas”, deveria certamente haver um problema sério comigo, ou no mínimo com minha autoestima. De várias formas, o próprio diabo me pressionou emocionalmente para solucionar o impasse desta maneira: ele conhecia o dilema e buscou me garantir que eu era boa. Mas não me convenceu. E, quando meu amigo me apresentou a doutrina do pecado original — que pode ser melhor expressa no versículo “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Rm 3.23) —, minha reação, imagino, foi oposta à de muitos que ouvem o Evangelho pela primeira vez: fiquei louca de alegria! “Ah, então é isso”, exclamei interiormente. Não precisava mais questionar se aquela intuição antiga era um defeito pessoal grave. Simplesmente era a percepção da realidade humana, e havia solução para isso, como logo eu descobriria, em Cristo.

Em meus primeiros passos como cristã, lia a Bíblia com bastante dificuldade, pois ainda me desintoxicava da indistinção mental esotérica, responsável por atribuir sentidos até contraditórios ao mesmo texto — e que na verdade não é só esotérica, mas é a própria atmosfera mental do mundo moderno, comum às áreas de humanas e, em um nível mais elaborado, a outras crenças que até desprezam o esoterismo ocidental, como a mística islâmica. Li obsessivamente, vezes sem conta, o trecho de Hebreus 9.27 (“está ordenado aos homens morrerem uma só vez, vindo depois o juízo”) que desfaz a crença na reencarnação, porque precisava ter certeza de seu significado. Lia os evangelhos, e as passagens jogavam minha mente para várias direções, deixando-me louca, fazendo com que eu orasse de modo bem dolorido para que Deus firmasse meu entendimento na interpretação correta.

E tudo retornou aos poucos a seu lugar. Minha visão tomava foco: nada mais pedia para ser adorado, mas tudo no mundo apontava para o Criador. E eu “ganhei” um

Pai amoroso, que me presenteava com o fardo leve da fé: não precisava mais ser forte, bastava ser fraca nele. Compreendendo a cegueira anterior, eu era novamente como uma criança, agradecida por receber partes de um verdadeiro conhecimento — do mundo, de mim, de Deus. Lembro que ouvia uma música de John Lennon, *Oh my love*, e partilhava dos mesmos sentimentos expressos ali. Bastava trocar *my love* por “My Lord”, e a letra descrevia com exatidão o maravilhamento que eu experimentava ao enxergar pela primeira vez.

*Oh my Lord for the first time in my life,
My eyes are wide open
Oh my Lord for the first time in my life,
My eyes can see
I see the wind, I see the trees,
Everything is clear in my heart,
I see the clouds, I see the sky,
Everything is clear in our world,
Oh my Lord for the first time in my life,
My mind is wide open,
Oh my Lord for the first time in my life,
My mind can feel
I feel the sorrow, I feel dreams,
Everything is clear in my heart
I feel life, I feel love
Everything is clear in our world*

*Ó, meu Senhor, pela primeira vez em minha vida,
Meus olhos estão bem abertos
Ó, meu Senhor, pela primeira vez em minha vida,
Meus olhos conseguem enxergar
Vejo o vento, vejo as árvores,
Tudo está claro em meu coração,
Vejo as nuvens, vejo o céu,
Tudo está claro em nosso mundo,
Ó, meu Senhor, pela primeira vez em minha vida,
Minha mente está bem aberta,
Ó, meu Senhor, pela primeira vez em minha vida,
Minha mente consegue sentir
Sinto a tristeza, sinto os sonhos,
Tudo está claro em meu coração
Sinto a vida, sinto o amor,
Tudo está claro em nosso mundo.³*

³ Tradução e adaptação da letra de minha autoria.